AB SABIN
Ensinar é criar descobertas

COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades

Professora Denise Masson
e Ana Carolina Mazzini Tonin
(3ª série D)

# cultura&informação
# A REVISTA DO SABIN

*2º trimestre letivo 2020 – ano XXVI – nº 76*

# índice

Esse símbolo indica item clicável.

## Nesta edição, você encontrará:

editorial

conversa paralela

ed. infantil

ens. fundamental I

ens. médio

futuro da educação

idiomas

esportes & cultura

dataSabin

livre expressão

encantamento


Acompanhe
nossos canais digitais:


**EXPEDIENTE: A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin. Colégio Albert Sabin.** Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – **Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Sílvia Adrião (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Cláudio Pinheiro, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Sílvia Adrião **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustradora convidada:** Karla Linck (pág. 13) **Textos:** Alexandre Bandeira **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Masson **2º trimestre letivo 2020.**

# Avanços e aprendizados

Vencemos o primeiro desafio. Contamos com vocês para o próximo: o retorno às aulas presenciais.

Caros amigos.

**Cristina Godoi**
*Mantenedora dos colégios Albert Sabin, AB Sabin e Vital Brazil*
*cristina@albertsabin.com.br*

Em 2020, um vírus transformou todos nós em aprendizes. Todos, sem distinção de idade, tivemos de aprender novas habilidades e comportamentos que provavelmente hão de se tornar comuns, daqui para a frente, e de reaprender antigos valores, como a importância do convívio na formação do indivíduo, o senso de responsabilidade pelo bem comum e a busca pelo conhecimento. Valores que têm, na escola, o solo mais fértil para crescer.

Para preservar esse solo, especialistas do mundo inteiro se mobilizaram para encontrar soluções que permitissem salvar vidas sem comprometer a educação de mais de 1,5 bilhão de estudantes que ficaram fora da escola devido à COVID-19. E nós, do grupo Godoi Educacional – formado pelos colégios Albert Sabin, AB Sabin e Vital Brazil –, fomos junto aprender com o mundo.

Desde o início da pandemia, temos acompanhado estudos de órgãos internacionais como a OMS (Organização Mundial da Saúde), a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), bem como seguido as orientações das principais instituições científicas do País, para entender não só os aspectos sanitários da doença mas, sobretudo, seu impacto na Educação.

Parar não era uma opção. Se o ensino 100% a distância não é ideal, interromper a escola por meses seria muito pior. Sem o hábito regular dos estudos e o vínculo, ainda que virtual, com colegas e professores, as perdas no rendimento e no ritmo do aprendizado seriam muito grandes.

Assim, com a compreensão e o esforço de todos, concluímos o semestre letivo tendo dado conta de quase tudo que estava previsto em nosso planejamento. No processo, realizamos antigas metas que a crise veio antecipar. A emergência nos obrigou a adotar de vez certas lógicas de aula mais contemporâneas, como o "ensino híbrido", que mescla momentos de aprendizado *on-line* e *off-line*, e a "sala de aula invertida", em que a exposição do aluno ao conteúdo se dá prioritariamente pelo estudo individual, e os momentos de interação da turma são usados para exercícios e debates.

Esse foi o primeiro desafio. O próximo será o retorno às aulas presenciais. Rever os amigos virá acompanhado de restrições com que ainda não estamos acostumados e as quais teremos de aprender. Abraços serão menos frequentes; rotinas de higiene, mais rígidas. Não será simples.

Por isso, entre as diretrizes do nosso protocolo para o segundo semestre – que ainda terá uma parcela de ensino remoto e sistema de rodízio de alunos – está conciliar demandas acadêmicas com momentos de acolhimento emocional e psicológico. A Educação Física deverá ser prioridade, justificada pelos meses em que a maioria foi privada de atividades essenciais para a sua formação integral. Quanto ao conteúdo acadêmico, prevemos avaliações diagnósticas presenciais para aferir, com maior precisão, o aprendizado construído nos últimos meses. E, possivelmente, uma redistribuição do conteúdo entre este ano e o próximo, para suprir qualquer lacuna na formação dos alunos (as 3ªs séries do Ensino Médio, por essa razão, terão prioridade de atendimento presencial).

Enfrentaremos esse próximo desafio como fizemos com o primeiro: buscando com os especialistas as melhores práticas do que será o novo normal do ambiente escolar, e nos mantendo fiéis aos mesmos valores que nos trouxeram até aqui.

Como sempre, contamos com vocês.

**Mariana Ochs,**
coordenadora do EducaMídia.

# A escola redesenhada

**Mariana Ochs** é uma *designer* e jornalista que, há anos, atua pensando sobre a interseção entre as tecnologias digitais e a Educação, um campo fértil de inovações que, com a COVID-19, deixaram de ser oportunidades para se tornar necessidades. Coordenadora do programa EducaMídia, do Instituto Palavra Aberta, Mariana avalia, nesta entrevista (editada e condensada por limitações de espaço), como as escolas brasileiras precisaram implementar, "do dia para a noite", soluções de ensino remoto que, apesar de baseadas em novas tecnologias, suprem demandas de modernização do ensino já existentes desde antes da pandemia.

### O que é Educação Midiática?

A gente define mídia como qualquer texto, em qualquer linguagem, que transmita informação para um número grande de pessoas. Pode ser uma notícia, um infográfico, um *post*, um comentário, um meme, uma camiseta que você veste e sai pela rua... Nossa experiência no mundo está mediada por uma multiplicação de mensagens, num ambiente cada vez mais complexo, em que todos podem ser não só consumidores como produtores de informação. Há excesso de informação, sem que toda ela seja de qualidade ou confiável. A Educação Midiática busca criar as habilidades para que você encontre o que

precisa, faça a análise crítica da informação e saiba se comunicar, não só do ponto de vista ferramental, mas também ético, das suas escolhas como autor. É saber se informar com confiança para participar, enquanto cidadão, de uma democracia. Mais do que uma disciplina a ser incluída na escola, a Educação Midiática é um direito fundamental de um cidadão do século XXI.

**Mais que letramento digital, você diz que essa educação promove a fluência digital. Explique isso.**

Há certa confusão de termos: letramento digital, alfabetização midiática... A Unesco, por exemplo, usa "alfabetização midiática e informacional". No EducaMídia, escolhemos "educação midiática" porque "alfabetização" e "letramento" carregam uma noção de finitude: ou você é alfabetizado ou não é. Mas hoje em dia esse é um alvo móvel, muda cada vez que as tecnologias mudam. O letramento está em conhecer as ferramentas e saber se comunicar, mas a verdadeira fluência está em adquirir as habilidades para continuar aprendendo à medida que as tecnologias evoluem.

"Mais do que uma disciplina a ser incluída na escola, a Educação Midiática é um direito fundamental de um cidadão do século XXI."

**Nativos digitais já não são fluentes nas tecnologias digitais?**

Essa expressão foi criada há quase 15 anos para descrever uma geração que já nasceu num mundo em que as telas estão em toda parte. Ela quer dizer isso – e tão somente isso. Com o tempo, ela nos prestou um desserviço, porque o ambiente de informação da sociedade foi ficando mais complexo, e fomos nos eximindo de educar as crianças, com o pretexto de que eram "nativas digitais". Mas existe um trabalho a ser feito, de apresentá-las até aos próprios equipamentos: como se lida com o *mouse* e o teclado, como se organizam as coisas em pastas... Esses conceitos – pasta, arquivo, memória, dados que viajam para lá e para cá – são analogias muito abstratas. Além disso, embora todo mundo saiba usar as ferramentas digitais para consumir entretenimento, e em geral os jovens saibam acessar redes sociais e procurar o que precisam, isso não significa que eles têm senso crítico sobre o que vão encontrar. Nesse sentido, são mais inocentes digitais do que nativos digitais.

**Nesta pandemia, como as novas tecnologias devem ser usadas para o ensino remoto?**

O que vai dar certo no ensino *on-line* são formatos que privilegiam a colaboração, a criatividade, a pesquisa e o senso crítico. É o aprendizado baseado em investigação, na conversa e na exploração entre pares. Tudo isso é extremamente potencializado pelo uso das novas tecnologias e é o que deveríamos estar privilegiando, agora que fomos forçados a aprender de uma forma muito mais mediada por elas.

**Na sua opinião, como as escolas responderam aos primeiros meses de quarentena?**

Elas foram forçadas a ter alguma modalidade de ensino remoto para não abandonar as crianças, oferecer algum tipo de instrução e de experiência social, mas foi do dia para a noite. Tanto que existe uma diferença enorme entre [o que se tem hoje] e o que foi oferecido nos primeiros dias, com professores sem formação específica, que não sabiam preparar materiais para o ambiente digital e que tentavam, no começo, uma via equivocada, de transpor para esse ambiente o que faziam na sala de aula. Não se engane: desenhar uma experiência de aprendizado remoto é muito diferente do que desenhar uma experiência de aprendizado presencial – e não estou só falando de ferramenta. Esse é um percurso longo de transformação de cultura, que leva anos. Por isso, nos primeiros momentos, o que eu falava com mais frequência era que o que a gente mais precisa é de generosidade – das famílias para com a escola, da escola para com os professores, dos professores para com os alunos.

"O que a gente mais precisa é de generosidade – das famílias para com a escola, da escola para com os professores, dos professores para com os alunos."

**Qual o papel das famílias nos novos sistemas de ensino remoto?**

O que sempre deveria ter sido, de parceira da escola na construção de entendimento de mundo pelo aluno. É claro que antes os pais diziam: "Eu não tenho tempo". Mas nesse momento a gente tem de ter tempo, porque as crianças estão em casa. E a escola pode melhorar a vida de todo mundo fazendo convergir o tempo de con-

vívio familiar com o tempo do aprendizado. Jogando para os pais não a tarefa de sentar junto e ensinar álgebra, sobre o que eles nem têm repertório e metodologia, mas propondo explorações prazerosas que contribuam para o estudo: filmes, livros, atividades...

**Será preciso rever o modelo tradicional de avaliação?**

O que a gente precisa rever agora já estava precisando rever antes. A gente deve medir a capacidade da construção autônoma de conhecimento, de juntar duas ideias para formar uma terceira, de expressar algo relevante que você descobriu ou sintetizou a partir do que estudou. E isso a gente já sabia antes da pandemia. Um instrumento que eu espero que os educadores brasileiros passem a usar mais é a rubrica. É uma matriz em que você deixa claro para o aluno que habilidades espera que ele desenvolva, em vários quesitos. Por exemplo, se a tarefa é a produção de um vídeo, eu tenho algumas exigências quanto à natureza e à qualidade das fontes de pesquisa, ao uso de imagens, ao desenvolvimento do argumento. E, para cada uma dessas coisas, eu defino o que é insuficiente ("não citar fontes" ou "citar fonte sem credibilidade"), suficiente ("citar duas fontes"), proficiente ("citar fontes e argumentar por que são adequadas").

"A escola pode melhorar a vida de todo mundo fazendo convergir o tempo de convívio familiar com o tempo do aprendizado."

**Entre tantas mudanças por que a escola deve passar, o que não muda? Qual a essência da escola?**

Primeiro, espero que a escola mude. Os educadores têm de escolher se aproveitam essa oportunidade em que as estruturas foram abaladas para abraçar o novo e acelerar processos que já estavam devendo, ou se cristalizam uma versão piorada do que se fazia antes. Mas a essência da escola é ser um ambiente onde se tem licença para explorar e em que há pessoas com quem fazer isso. Aprender acontece melhor em conjunto, na conversa, na colaboração. A função da escola é levar os alunos por essa aventura da descoberta, proporcionar um espaço seguro e estimulante para que isso aconteça na troca. Se essa troca vai acontecer por um tempo no ambiente digital, não importa.

# O que se aprende em casa

Na quarentena, a proximidade entre escola e família tornou-se mais importante do que nunca.

**Antes de tudo isso, Isabella Annesi já gostava de brincar de escolinha com suas bonecas.** De reuni-las para a aula e passar lições que ela mesma, alternando-se nos papéis de professora e aluna, tratava de resolver. Então vieram os meses de distanciamento social, e a escolinha de bonecas de Isabella passou a receber uma convidada frequente: sua mãe, Elaine Roberta, que aproveitava a brincadeira para reforçar conteúdos que via a filha aprender de verdade, com sua turma de Pré II do Colégio AB Sabin. "Eu ia sugerindo problemas para as bonecas", diz Elaine. "Por exemplo: 'Eu fui à feira e comprei 5 bananas e 3 maçãs; quantas frutas eu comprei?'"

Mãe de Gabriel Carmo, também aluno de Pré II do AB Sabin, Ana Paula Gomes é mais uma que passou a estimular o filho a aplicar na rotina de casa os conhecimentos adquiridos nas aulas a distância. "Se ele tinha atividade de escrita de palavras com a letra S, eu passava a semana chamando a atenção para coisas que se escrevem com S", diz Ana Paula – uma maneira de fazer com que o **SOFÁ**, o **SUCO** e as **SACOLAS** do dia a dia contribuíssem para o aprendizado do "Biel".

Embora não fosse a primeira vez que Ana e Elaine se envolvessem com os estudos dos filhos, fato é que, durante a quarentena, os pais de crianças em idade escolar – sobretudo das mais jovens – se viram obrigados a assumir um papel significativamente maior na educação delas. O que, por sua vez, exigiu das escolas oferecer suporte e orientação para que os pais soubessem como cumprir esse novo papel – tanto no acompanhamento de aulas e atividades como na manutenção da rotina doméstica,

"Se ele tinha atividade de escrita de palavras com a letra S, eu passava a semana chamando a atenção para coisas que se escrevem com S."

que também tinha muito a ensinar. No cenário imposto pelo distanciamento, a proximidade entre escolas e famílias tornou-se mais importante do que nunca.

Segundo Sílvia Adrião, diretora do AB Sabin, a forma como o Sabin e o AB Sabin têm promovido o ensino remoto durante a quarentena tem por princípios a flexibilidade e o diálogo permanente.

Por um lado, os dois colégios passaram a postar nas plataformas *on-line* de aprendizagem, a cada semana, a mesma quantidade de aulas que os alunos teriam presencialmente, em condições normais – sejam aulas ao vivo com horário determinado (*lives*), sejam documentos de texto, áudio e vídeo com indicação de exercícios e atividades. Por outro lado, ressalta Sílvia, desde o começo deixou-se claro que a participação dos alunos no processo seria esperada na medida do possível de cada família. "Nada foi exigido. Tínhamos a compreensão de estarmos em uma situação emergencial não ideal, de vivências extremamente novas para todas as partes", diz a diretora.

Assim, tanto a presença dos alunos nas *lives* quanto a realização das tarefas precisam se adaptar às condições de cada família. "Desde o início as *lives* foram gravadas, para quem só pudesse ver depois", diz Andréa Silva, orientadora educacional da Educação Infantil do Sabin. "Devido à rotina dos pais, algumas famílias deixavam para fazer as obrigações escolares do aluno nos fins de semana".

Foi o que aconteceu com a família de Gabriel Carmo. "Eu e meu marido trabalhamos o dia inteiro em casa", diz Ana Paula, que é profissional de TI, como o marido, sobre a nova rotina doméstica estabelecida no primeiro semestre. "Durante a semana, Gabriel assistia à *live* com a turma de manhã, mas só de noite, quando acabávamos o expediente, nós fazíamos algumas atividades com ele. Era nosso

"Priorizamos vivências materiais, de experimentação motora – batucar, picotar papel, dançar –, e, principalmente, longe de telas de computador ou celular, seguindo recomendações de saúde para crianças dessa idade."

'supletivão do Pré'". Para compensar, a mãe concentrava a maior parte das tarefas do filho no fim de semana.

Facilitava, segundo Ana, que a maioria das propostas eram lúdicas, brincadeiras mesmo, que podiam ser realizadas com objetos simples da casa, como pregadores de roupa, tampas de panela ou os próprios brinquedos da criança. "Priorizamos vivências materiais, de experimentação motora – batucar, picotar papel, dançar –, e, principalmente, com tempo adequado de exposição a telas de computador ou celular, seguindo recomendações de saúde para crianças dessa idade", diz Sílvia Adrião.

"Às vezes, eu nem contava para ele que eram atividades da escola, eu disfarçava e dizia 'Vamos brincar'", diz a mãe do Gabriel, que registrou várias dessas brincadeiras do filho em vídeos e fotos (que ilustram esta matéria).

**Mas é claro que não se trata de simples brincadeiras.** "São sequências didáticas preparadas com base em expectativas de aprendizagem da faixa etária, com curadoria das professoras", diz Sílvia. Segundo ela, a escola serve como mediadora de "aprendizagens intencionais, que são a grande diferença, em geral, das aprendizagens do lar". Haveria intenção pedagógica, assim, até nos momentos de ócio criativo ou de livre brincar da criança – sem interferência de adultos –, como também foi pedido às famílias cultivar.

Para a coordenadora da Educação Infantil do Sabin, Dionéia Menin, o que os colégios propõem é "um tipo de estimulação adequada, saudável" – e não apenas nos trabalhos escolares. "As famílias nem sempre têm noção de que as coisas do dia a dia ensinam. Manter uma rotina é importantíssimo para a criança pequena desenvolver, por exemplo, a noção de sequência temporal, de antes e depois", diz Dionéia.

É só um exemplo, porém, de uma aprendizagem bem mais ampla: a consolidação das chamadas funções

"Eram sequências didáticas preparadas com base em expectativas de aprendizagem da faixa etária, com curadoria das professoras."

executivas, que se dá principalmente na primeira infância. “São habilidades mentais que regulam o comportamento, a cognição e a emoção. Elas nos ajudam a focar, planejar, gerenciar várias informações ao mesmo tempo, rever planos, resistir às distrações e evitar ações precipitadas”, diz Andréa Silva. E seguir uma rotina – por exemplo, ter hora para comer, tomar banho e dormir, tirar o pijama para começar a aula, guardar os brinquedos depois de usá-los – auxilia na aquisição de tais habilidades.

Daí por que foi tão necessário, diz Sílvia, estabelecer canais de diálogo constante entre as famílias e os colégios. “Buscamos dar apoio total aos pais, mantendo contato por diversos canais – ClassApp, *e-mails*, telefone –, para oferecer tanto orientações coletivas como atendimentos individualizados”, diz a diretora do AB Sabin.

“A gente passou a ter mais noção do que ela aprende, de como é o processo educacional”, nota Elaine, a mãe de Isabella, que diz ter recebido dicas importantes, como os melhores tipos de livro para estimular o gosto pela leitura ou a montagem de um calendário familiar, em que a filha pudesse exercitar os números de 1 a 30, entre outras ideias que tornaram mais educativos os momentos em família. “A Isabella sempre se envolveu muito na rotina da casa; ela arruma o quarto, ajuda na cozinha. Aí eu aproveitava: ‘Vamos fazer um bolo, filha; como se escreve FA-RI-NHA?’”

Ana Paula relata experiência semelhante com o filho. “Ele aprendeu muito em casa, teve um desenvolvimento notável. Nas atividades de leitura e escrita, ele primeiro só reconhecia as vogais, mas depois, com orientação, passou a ver algumas consoantes”, diz a mãe de Gabriel. “E percebo outras coisas muito importantes também, como ele saber que tem de fazer as obrigações primeiro, mesmo quando quer brincar”. Conquistas coletivas, alcançadas pelo fortalecimento da parceria entre colégios e famílias, que será cada dia mais importante.

“Ele aprendeu muito em casa, teve um desenvolvimento notável.”

# Emoções ao vivo

Projeto de Filosofia ajuda alunos a lidar com os próprios sentimentos gerados pelo isolamento.

**Foram meses marcados pela saudade.** De encontrar os colegas na escola, brincar com amigos do prédio vizinho, disputar campeonatos com os companheiros do time de futebol, viajar com a família. Como se, do dia para a noite, a vida de todos tivesse se tornado restrita, cada um em sua casa tendo de lidar com a distância, a falta e os muitos sentimentos gerados pela quarentena. Não seria diferente para os alunos do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental do Sabin.

Felizmente, eles tiveram a oportunidade de dividir o que sentiam com seus colegas de turma, num projeto pensado para ajudá-los a lidar com as próprias emoções de uma forma saudável e positiva. Um projeto que já era realizado pelo Sabin em anos anteriores, nas aulas de Filosofia, mas que, sob o contexto de um mundo profundamente novo, teve sua relevância redobrada.

"Esse projeto já buscava promover habilidades de autorregulação emocional que estão previstas na Base Nacional Comum Curricular", diz Lúcia Helena Tristão, orientadora educacional e assessora de Filosofia do Fundamental I do Sabin, referindo-se à capacidade dos alunos de controlar os próprios comportamentos e emoções para estabelecer relações harmoniosas na vida em sociedade. No entanto, se no mundo pré-pandemia as discussões do projeto giravam em torno dos conceitos de convivência ética, resolução de conflitos e cultura de paz, agora se fazia necessário incluir novos

sentimentos na conversa, como saudade, tédio, inquietação, medo – e, também, esperança.

"No princípio, ainda pensamos que seria o caso de pedir aos alunos que registrassem o que estavam vivendo em casa, para trazer para a escola quando voltassem às aulas presenciais", conta Lúcia. "Mas aí vimos que a situação ia se prolongar, percebemos a temperatura das famílias esquentar – pais angustiados com as incertezas, filhos perdendo a motivação de estudar – e achamos importante abrir um canal para as crianças falarem e receberem *feedbacks* mais imediatos".

Assim, a partir do segundo mês da quarentena, o Sabin incluiu no projeto de Filosofia do Fundamental I *lives* semanais no modelo videoconferência, em que todos os participantes se viam (as outras disciplinas, com exceção do Inglês, seguiram com *lives* no modelo webinar, em que só o professor aparece). Era preciso olho no olho para compartilhar com os colegas o que cada um estava sentindo.

Fotos, objetos e desenhos montavam uma espécie de álbum sentimental de cada criança.

Basicamente, a ideia era dar concretude às emoções dos alunos, ajudando-os a verbalizar e a compreender melhor o que o distanciamento os fazia sentir, por meio de elementos tangíveis. Ao longo de algumas semanas, eles compartilharam com suas turmas fotografias de atividades ou situações das quais sentiam saudade; objetos representativos do que estariam vivendo, durante a quarentena; e desenhos do que imaginavam encontrar no retorno às aulas presenciais. Fotos, objetos e desenhos montavam uma espécie de álbum sentimental de cada criança – do antes, do durante e do depois (esperado) da pandemia – que motivou importantes diálogos, alimentados, também, por indicações de vídeos e leituras sobre temas como o medo do desconhecido, a necessidade de dividir as angústias com os amigos e a importância de se manter positivo diante dos desafios.

Dessa forma, em graus de crescente maturidade, o projeto buscou ajudar os alunos do 2º ao 5º ano a avançar no controle das próprias emoções: da tomada de consciência à aceitação, à contenção das

reações impulsivas ou improdutivas e, finalmente, à proposição de soluções para as adversidades. Soluções como habituar-se a buscar o lado positivo das coisas, parar para respirar em momentos de estresse ou, até mesmo, aprender a meditar.

**Paulo Nishioka ainda se lembra de uma conversa com o filho,** José Henrique, aluno do 3º ano do Fundamental, meses atrás. "Um dia, eu perguntei se ele se considerava 'um cara' feliz ou triste. Ele soltou que estava triste".

O menino, que vinha se queixando da vida em quarentena, enumerou tudo o que não podia mais fazer, como ir à aula de natação ou jogar bola com os amigos. O pai admitiu que aquilo era chato – ele também sentia falta de realizar atividades –, mas sugeriu ao filho que aquilo seria mais bem definido como frustração, e não tristeza. Afinal, disse Paulo: "Vamos olhar o lado bom: você tem uma casa boa, está com sua família, ninguém está doente, tem roupa, comida, está tendo aula..." José Henrique concordou e, segundo o pai, a partir dali teve uma "mudança notável" de comportamento.

Para a coordenadora do Fundamental I, Dionéia Menin, o exemplo de José Henrique mostra como a primeira medida a tomar, para se lidar melhor com as emoções, é a conversa franca. "Compartilhar frustrações e medos faz a criança ver que o que ela está sentindo é normal e até fortalece a relação com a família", diz Dionéia. Já uma segunda medida seria procurar alternativas: "Se a criança está com saudade do melhor amigo, que tal marcar uma videochamada? Se está com tédio, que tal compor uma lista de atividades divertidas para fazer em casa?"

Para o psicólogo Ricardo Frenkiel, que serviu como consultor na elaboração da sequência didática do projeto, a conversa ajudaria a "ressignificar as perdas em aspectos positivos" ("sinto falta da escola, mas passo mais tempo com meus pais"), ao passo que não falar sobre o assunto, pelo contrário, serviria para fazer as incertezas crescerem. "Todas as incertezas, sobre o presente e o futuro, são situações geradoras de ansiedade".

"Compartilhar frustrações e medos faz a criança ver que o que ela está sentindo é normal e até fortalece a relação com a família."

Com isso em vista, o projeto contou com vídeos, leituras e tarefas que serviram como disparadores de conversas entre alunos e professoras – cujos efeitos, por sua vez, eram sentidos em casa. No caso de Sofia Della Torre, do 4º ano, por exemplo, uma tarefa que pedia aos alunos que construíssem uma representação artística do que estavam sentindo (com sucata, massinha, colagem, etc.) gerou um momento interessante entre ela e sua mãe, Juliana. "Ela fez um pingente de *biscuit* em forma de um rostinho sorridente para usar com uma correntinha no pescoço", conta a mãe. O curioso veio dias depois: "Ela tirou o colar e deixou na mesa. Eu perguntei por quê. Ela disse: 'Hoje, eu não estou feliz'. Esse trabalho foi um gatilho para ela falar do que estava sentindo de forma não abstrata".

"A escola é a principal ligação das crianças, principalmente as menores, com a realidade social."

Juliana relata ter visto na filha um nível de consciência saudável das próprias emoções ("ela é muito social, sente falta dos amigos"), inclusive testemunhando momentos em que Sofia, aplicando lições aprendidas nas aulas, fazia um esforço consciente para serenar o ânimo. "Às vezes, eu a via sem sono, na cama, respirando fundo para relaxar e dormir".

Mais que um exercício individual, porém, o projeto de Filosofia buscou fortalecer os vínculos de cada aluno com seus colegas, e de todos com o mundo além das suas casas. Segundo a orientadora Luciana Acorsi, corresponsável pelo projeto, ao trabalhar com as emoções de cada criança, o Sabin promove relações saudáveis entre elas e, em última análise, a consciência cidadã e sustentável do grupo. "O princípio da sustentabilidade está muito ligado à qualidade das relações interpessoais e ao senso de coletividade". Já Ricardo Frenkiel nota que "a escola é a principal ligação das crianças, principalmente as menores, com a realidade social". "Fazê-las dividir experiências as ajudou a entender o que estavam vivendo, a manter sua saúde mental e a permanecer otimistas com o futuro", diz o psicólogo.

# Eles não estão sozinhos

Apesar dos medos, alunos e professores descobrem juntos os efeitos positivos do ensino remoto.

**"Você realmente está aprendendo ou está se enganando?"** Era a pergunta que Giovana Franco de Souza, aluna da 3ª série C do Ensino Médio do Sabin, fazia a si mesma no fim de maio, passados dois meses do início da quarentena. Embora a semana de avaliações tivesse ajudado a diminuir a incerteza, "ainda assim", admitia a jovem, "tem muito medo e agonia na cabeça de muitos alunos".

Ela não estava sozinha na dúvida. Aluno da 3ª série E, Victor Seo também dizia sentir "menos confiança no que estou aprendendo" – um efeito que parecia não ter a ver com a qualidade do ensino remoto, mas sim com a distância física entre o jovem e seus professores. "Sempre tive uma relação muito boa com eles, [que] sempre me ajudaram psicologicamente", diz Victor. Na sua opinião, as interações mediadas pelo computador tinham algo de "mais formal", que não substituía o "apoio moral" e a "confiança" que os professores conseguiam passar para ele presencialmente.

O sentimento era compreensível. Para o professor de Física e assessor pedagógico das 1ªs séries do Ensino Médio, Jackson Padilha, "ensinar não é só apresentar conteúdos", e a função do professor envolve um componente não verbal que, no modelo *on-line*, sem olho no olho, fica limitado. "Nós somos muito bons em julgar a

"O aluno precisa sentir algum vínculo emocional para dar importância ao que [o professor] fala."

fisionomia do aluno e já saber se ele está entendendo ou não, pegar esse *feedback* e adaptar nossa ação para o que estamos vendo".

Segundo Jackson, mesmo ao vivo, o ensino a distância no modelo webinar (em que só a imagem do professor aparece) restringe sua interação com os alunos e também entre os colegas de turma, com impactos no resultado da aula. "Na sala, a comunicação é multidirecional, não sou só eu que falo", diz ele, argumentando que a dinâmica do grupo promove o desenvolvimento de todos. "Às vezes, a pergunta de um responde à dúvida de outro". E, ainda que se possam fazer perguntas durante as *lives*, diz Jackson, o isolamento do modelo se faz notar – o que ele e os demais professores do Sabin tentaram compensar, disponibilizando-se a atender alunos de todas as formas possíveis, em plantões de dúvidas, por mensagens ou por videochamadas individuais.

Assessor das 3ªs séries do Médio, o professor de Química Marcelo Resende reconhece que o ensino remoto compromete a ligação afetiva que professor e aluno estabelecem para que o aprendizado aconteça. "O aluno precisa sentir algum vínculo emocional para dar importância ao que você fala", diz Marcelo. "O pior professor é o professor morno".

Para ele, tal vínculo é cultivado inclusive fora da sala de aula, para além do conteúdo da disciplina. "Às vezes, você vê um aluno que é normalmente superalegre com uma cara triste no corredor, diz uma palavra de conforto... E, lá na frente, no discurso de formatura, ele se lembra dessa conversa", diz Marcelo. "Aí veio a pandemia, e nós mal ouvíamos a voz do aluno!"

No entanto, se as limitações foram inegáveis – e sentidas especialmente pelas turmas da 3ª série, de quem a pandemia afetou justo o último ano de escola –, também foram verdadeiros o esforço dos professores do Sabin em contorná-las, o comprometimento dos alunos em prosseguir com os estudos e até algumas oportunidades que o novo modelo veio revelar.

**"Uma coisa interessante é que alguns alunos passaram a comentar mais nas aulas e a nos procurar mais",** diz Jackson. Segundo ele, para certos alunos menos

participativos no modelo presencial – fosse por timidez, fosse por outra razão –, as novas tecnologias serviram para estreitar laços com os professores. E, a julgar pelo depoimento de vários deles, ele parece estar certo.

"Todas as vezes que precisei tirar uma dúvida ou resolver um problema, eles me responderam prontamente", diz Júlia Tiemi Martins Goia, aluna da 1ª série D do Ensino Médio. "Acho até que tem sido mais fácil falar com eles pelo *chat* do que pessoalmente, já que na escola precisamos encontrá-los [quando] não estão em aula, o que nem sempre é possível".

Da mesma turma, Ivan Sakata confirma: "Mesmo aqueles alunos que geralmente não contactam os professores, os professores vão até eles, porque querem ajudar, mostrar que vai dar tudo certo". É a mesma impressão de Marcela Murad Echeverria, da 2ª série D: "Eles estavam lá; se eu quisesse conversar, me mandavam mensagens perguntando se estava tudo bem, se eu estava nervosa com as provas", diz a aluna.

Professores disponíveis e atenciosos, no entanto, só fazem diferença se houver alunos interessados. E é nesse ponto, diz Denise Masson, professora de Literatura e Produção de Texto e assessora das 2ªs séries, que outro efeito positivo do ensino remoto se faz notar: o fortalecimento da autonomia e do senso de responsabilidade do estudante. "Na sala de aula, todos seguem um roteiro que você planejou e conduz; em casa, é o aluno quem conduz", diz Denise. Para ela, como a realização das atividades *on-line* e a frequência nas *lives* não podiam ser rigidamente cobradas, eram os alunos quem, em

última instância, decidia seu grau de comprometimento com os próprios estudos.

"Mesmo esse novo ensino sendo assustador inicialmente, eu o transformei em uma oportunidade para aprender de um jeito diferente", diz Bárbara Santamaria, da 2ª série B, que notou um ganho de foco e organização em sua rotina. "Se seguirmos as orientações adequadamente, ganhamos mais autoconfiança. Isso me ajudou a ser mais determinada [para] correr atrás do que eu quero".

De todas as turmas, porém, talvez nenhuma tenha precisado tanto se reinventar e descobrir novas reservas de determinação e resiliência como a 3ª série do Médio. Para Marcelo Resende, a pandemia foi um duro golpe emocional nos concluintes, que a princípio se sentiram quase pessoalmente prejudicados. "É compreensível. Para eles era 'perdemos nossa última Festa Junina, nosso último FestSabin, atrapalhou nosso Enem'", diz o professor.

Como resposta, o Colégio abriu espaços para os alunos expressarem sua frustração, tanto em grupo, com o psicólogo e consultor em Psicologia Escolar Ricardo Frenkiel, como em conversas individuais com os professores. "Fomos pegando um por um, tentando mostrar que toda geração enfrenta adversidades – já teve ano com vazamento do Enem e provas canceladas da Unicamp, por exemplo – e que, sim, a história tinha reservado para eles um desafio enorme. A questão era: o que eles fariam a respeito?", diz Marcelo.

Segundo Denise Masson, a mensagem que ela tentou passar para os concluintes foi: "Está ruim para todo mundo, mas a sua escola não os abandonou. Se vocês se dedicarem, estamos aqui, empurrando vocês para a frente", diz ela, enfatizando o investimento emocional que também os professores fazem pelos alunos – e que, felizmente, é percebido e retribuído, como diz Giovanna Flores, da 2ª série D:

"Está todo mundo passando pela mesma situação, pelos mesmos medos e angústias", diz a jovem. "Então cada aluno está buscando construir uma relação mais próxima com os professores, para matar a saudade e para mostrar que a gente também está com eles, que eles não estão sozinhos".

# Reinventando o ensinar

## Como a pandemia forçou o Sabin a acelerar um movimento em direção a recursos e estratégias pedagógicas mais contemporâneas.

**Meses depois, a professora de Matemática Sandra Lieven se lembraria da reunião de planejamento pedagógico, no início de janeiro,** quando ela e seus colegas discutiam como adotar mais tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) nas propostas de ensino do Sabin. Era uma ideia à qual o Colégio vinha se dedicando há anos, a de ampliar a presença dessas tecnologias no currículo – e não apenas como ferramentas, mas como objetos de aprendizagem em si, para promover a cultura digital, que está na Base Nacional Comum Curricular como uma competência que todo estudante brasileiro tem o direito de aprender. Até que veio a pandemia.

"Aí já não era mais questão de opção", lembra Sandra, comentando a transição que o Sabin foi obrigado a fazer, das aulas presenciais para o ambiente digital, quando começou a quarentena. "Fomos empurrados a fazer tudo o que fizemos em poucos meses".

Foi até menos do que isso. A nova realidade trazida pela COVID-19 chegou oficialmente às escolas de São Paulo na sexta-feira, 13 de março, quando o Governo do Estado determinou a todas as instituições de ensino que suspendessem suas atividades presenciais até a segunda-feira, 23. Na quarta, 18, os portões do Sabin já estavam fechados. Em três dias úteis, o Colégio teve de adaptar seu projeto pedagógico ao sistema de ensino remoto, garantindo aos alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio todas as aulas previstas na grade curricular. Uma realização feita de desafios e superação, de experimentos e ajus-

"A única opção que garantiria um mínimo de qualidade ao ensino remoto passava por novas tecnologias e lógicas de aula."

tes, que ainda está em curso e que tem consolidado um grande aprendizado coletivo – de alunos, famílias e professores – do que pode ser a Educação do século XXI.

"Tivemos de superar nossos medos na marra", diz Cristina Godoi, mantenedora do Sabin e do AB Sabin. "A única opção que garantiria um mínimo de qualidade ao ensino remoto passava por novas tecnologias e lógicas de aula". Mas eram tecnologias e lógicas, diz Cristina, que os colégios já vinham experimentando, por saber da importância de familiarizar alunos e professores com recursos pedagógicos mais contemporâneos. E não só pelo aspecto técnico do uso desses recursos – o chamado letramento digital –, mas, sobretudo, pelas dinâmicas que eles podem ensejar, valorizando formas de aprendizagem mais ricas.

**No desenho emergencial de ensino remoto do Sabin, as aulas assíncronas vieram primeiro.** A plataforma colaborativa *on-line* Microsoft Teams, que já era utilizada ocasionalmente por alguns professores, tornou-se o ambiente em que todos passaram a disponibilizar, já na primeira semana de quarentena, videoaulas, roteiros de estudo e propostas de atividades para os alunos fazerem em casa.

Os desafios e ajustes já começaram aí. "Nossos primeiros roteiros tinham a descrição de atividades para o pai ou a mãe ler para os filhos, mas eles sentiam falta da voz da 'prô'", lembra Andréa Silva, orientadora da Educação Infantil do Sabin. "Depois, fomos colocando áudios e vídeos no PowerPoint; já dava para a professora contar uma parlenda para eles ou dar instruções simples, como 'passar o dedinho na tela', por exemplo".

Ligia Maria Sansoni, do 8º ano, declama sua versão da "Canção do Exílio" em atividade de Língua Portuguesa.

Se a qualidade técnica dos materiais *on-line* foi evoluindo, porém, o cuidado dos professores em priorizar abordagens de aprendizagem ativa – em que o aluno investiga e explora conteúdos com certa autonomia, para extrair daí novos conhecimentos – estava lá desde

o princípio. Afinal, trata-se de um objetivo que sempre existiu no Sabin, mas que o ensino remoto – se feito sem cuidado, deixando o aluno "solto" em casa apenas com videoaulas e exercícios – poderia não alcançar.

"A gente não podia correr o risco de entregar o conteúdo pronto e acabou", diz Juliana Jurisberg, professora de Língua Portuguesa. Segundo ela, é preciso estimular o raciocínio e o julgamento crítico do aluno, mais do que sua capacidade de decorar informações; inclusive, permitindo a ele responder a avaliações com consulta ao Google ou a colegas – o que é fácil de ocorrer no ensino remoto, mas que, se as questões propostas forem bem-concebidas, não deve ser um problema.

É preciso, também, complementar o componente autônomo do ensino remoto com momentos de interação, seja durante as *lives*, seja por meio de *chats*, aplicativos de mensagem e outros recursos. Tecnologias que os professores do Sabin e do AB Sabin tiveram de aprender para garantir, num contexto em que todos estão fisicamente afastados, a construção colaborativa do conhecimento.

**A princípio, a tarefa de ministrar aulas a distância pode ter intimidado os professores** – especialmente os do 2º ano do Fundamental em diante, cujas *lives* eram dadas em modelo webinar, sem que vissem o rosto dos alunos. Mas, aos poucos, eles foram descobrindo e compartilhando entre si as possibilidades proporcionadas pelas TDICs.

"A gente foi aprendendo a realizar enquetes no meio da aula. Você faz uma pergunta, todo mundo responde, e você vê na hora como está indo o entendimento da turma", diz Sandra Lieven. Ela se refere a uma ferramenta do aplicativo Zoom, usado nas *lives*, mas o mesmo pode ser feito com outros recursos *on-line*, como o Kahoot!, o Quizalize ou a plataforma da Khan Academy, que geram dados valiosos

"A gente não podia correr o risco de entregar o conteúdo pronto e acabou."

Lucca Doretto Battaglia, do 8º ano F, apresenta sua "mão biônica" em atividade de Ciências.

Anotações da professora Sandra Lieven sobre foto de caderno de aluno.

para o professor, como índices de participação, de acertos e até o tempo gasto ou o número de tentativas de cada aluno nos exercícios propostos.

Outro aplicativo usado por Sandra, o Microsoft Whiteboard, funciona como uma lousa digital, em que a professora pode trabalhar problemas matemáticos com que os alunos tiveram mais dificuldade. “Em cima da foto do caderno de um aluno que tenha cometido um erro comum, sem citar seu nome, posso fazer anotações, compartilhar com a turma, discutir com eles as razões do erro”, diz Sandra. “Dessa forma, a gente vai entrelaçando os aprendizados da aula assíncrona com os da aula síncrona”.

Isso pode ser feito com a turma toda, com grupos menores ou mesmo só entre aluno e professor. Como nota Juliana, outra vantagem do sistema de ensino remoto é que, enquanto alguns avançam mais autonomamente, outros, com mais dificuldade, podem receber atenção mais focada do professor. “Os mais tímidos, que participam pouco da aula, passaram a fazer mais perguntas para mim pelo *chat*”, diz Juliana, ressaltando a contribuição que essas ferramentas têm dado à autonomia dos seus estudantes.

Já Sandra constata outro ganho percebido no uso do *chat*. “Eles passaram a tomar mais cuidado em como expor sua dúvida pela escrita, porque precisam que eu entenda. Isso em si já é um exercício muito rico de reflexão e raciocínio sobre o conteúdo”, diz a professora de Matemática, que vaticina: “Não sei se a gente vai conseguir mais tirar esse *chat* da nossa vida”.

Para Cristina Godoi, mesmo depois de voltarem as aulas presenciais, provavelmente haverá mais momentos de troca a distância, tanto entre aluno e professor como entre colegas de turma. “Temos visto meninos montando grupos virtuais de estudo para fazer lições, estudar, assistir a vídeos juntos”, diz a mantenedora. “Esse foi um dos grandes aprendizados dessa experiência toda”.

# A solução pela tecnologia

## Os desafios de ensinar Inglês a distância – e como contorná-los.

**"A necessidade põe a lebre a caminho"**, dizia o cartaz de um açougue na pequena Cachoeira de Minas (MG), onde Fernando Cunha nasceu. O professor de Inglês se lembra do provérbio ao estimar um dos legados que a COVID-19 deixará para a dinâmica do ensino, daqui para a frente.

Segundo ele, costumava ser difícil propor atividades *on-line* para seus alunos, por simples falta de costume da maioria, mas a pandemia teria tornado todos tecnologicamente mais proficientes. "A necessidade fez o sistema andar", diz ele, notando a facilidade com que seus alunos hoje participam de *lives*, respondem a questionários *on-line*, produzem e enviam textos, vídeos e áudios. Foi um ganho sentido em todas as áreas, mas o Departamento de Inglês teve desafios próprios na adaptação ao ensino remoto, o que fez do aprendizado tecnológico de alunos e professores fator de especial relevância.

Talvez mais que outras disciplinas, o Inglês sempre dependeu muito da participação ativa dos alunos.

Talvez mais que outras disciplinas, o Inglês sempre dependeu muito da participação ativa dos alunos, que precisam exercitar ao máximo a produção oral do idioma (o "falar inglês"). Depende também do que, no Sabin, se define como uma "*English Atmosphere*": o contexto em que tudo se dá na língua inglesa, inclusive a fala do professor, mesmo que os alunos ainda não entendam tudo que é dito. Durante a quarentena, porém, não só essa atmosfera ficou comprometida – não há controle sobre o ambiente doméstico de cada um – como também a participação dos alunos nas *lives*, em particular do 6º ano em diante, restritos ao *chat* e ao áudio (modelo webinar), que era menor do que o normal.

Entretanto, com o desafio, vieram soluções. “Minha primeira *live* foi muito estranha. Terminei achando que a aula tinha sido péssima”, diz a professora Jessica Gomes, que interpretou o silêncio incomum da turma como sinal negativo. “Mas depois fui encontrando formas de incentivá-los a interagir”. Nas aulas seguintes, Jessica foi propondo *quizzes* para os alunos, que, usando recursos do Zoom, primeiro respondiam por escrito, só para ela, e, aos poucos, iam pedindo a palavra pelo microfone. “À medida que mais alunos participavam, outros perdiam a inibição”.

Logo, Fernando, Jessica e os demais professores estavam explorando outras ferramentas *on-line* mais atrativas, como Kahoot! (*quizzes* “gamificados”), Padlet (mural colaborativo de textos e arquivos multimídia) e Flipgrid (compartilhamento de vídeos e áudios).

Não era o mesmo grau de interação de antes da quarentena, claro, como ainda não será no segundo semestre, em que as aulas continuam a distância (como os estágios de Inglês, a partir do 6º ano, recebem alunos de séries diferentes, seria difícil conciliá-los no rodízio de aulas presenciais; pelo menos, as *lives* passaram a ser todas no modelo videoconferência). É inegável, porém, que houve um aprendizado na utilização daquelas ferramentas, o qual não será perdido.

Logo, os professores estavam explorando ferramentas *on-line* mais atrativas.

“Se eu quiser verificar quanto conteúdo foi consolidado para preparar uma aula, por exemplo, posso pedir aos alunos que respondam a um ‘Forms’ (ferramenta de questionário *on-line* da Google), uma forma de correção rápida, sem precisar de um monte de papel”, diz a professora Juliana Corrêa.

Imagem do aplicativo Kahoot!

E quanto à *English Atmosphere*? “Não dá para controlar o ambiente em que eles estão, mas aí vai um pouco do interesse do aluno”, diz Jessica, que costuma sugerir filmes, séries, vídeos, músicas e *videogames* para que seus alunos “mantenham a chama acesa do Inglês” em suas casas. Já Fernando acrescenta uma dica bem prática: *headphones* durante as aulas, de preferência aqueles bem grandes, para abafar distrações sonoras. A necessidade, afinal, haverá de indicar o caminho.

# Refúgio e conexão

Atividades esportivas e culturais reforçam elos da comunidade do Sabin, mesmo a distância.

**Mais de três meses de quarentena já haviam se passado quando, no sábado, 27 de junho,** alunos, ex-alunos, familiares e colaboradores retornaram ao Sabin – ainda que virtualmente – para uma tarde especial. Por uma hora e meia, a primeira Festa Junina virtual da história do Sabin movimentou o canal de YouTube do Colégio com muita música ao vivo, receita com milho, correio elegante e centenas de declarações públicas de afeto. Além de matar a saudade, a *live* serviu para ilustrar uma das principais razões pelas quais a cultura tem lugar central no projeto pedagógico do Sabin, especialmente numa época em que todos se veem forçados a viver afastados. Naquele sábado, mais uma vez ficou evidente como a arte tem o poder de conectar as pessoas.

Curioso é que, para a equipe do Programa Sabin+Esportes&Cultura, o ano não começara promissor. Como explica o professor de Teatro e assessor de Cultura, Ricardo Sonzin Jr., "o Sabin só teve três dias para se adaptar ao ensino remoto". Diante das demandas acadêmicas emergenciais, diz o professor, "era compreensível que, num primeiro momento, as atividades extracurriculares ficassem em segundo plano".

Mas a decisão de suspender o Programa no primeiro semestre letivo não deixaria a equipe ociosa. Afinal, segundo Ricardo, a importância da cultura nunca foi tão sentida. "Quantas pessoas não estão maratonando filmes, séries e *lives* de cantores e bandas? Estamos tão isolados, com tantos altos e baixos emocionais, que vamos buscar refúgio na arte".

Ou no esporte. Segundo a professora de Educação Física e técnica de basquete Fernanda Garcia, "precisamos da atividade física para produzir os neurotransmissores que nos ajudam a regular as emoções: adrenalina, dopamina,

serotonina". Assim, mesmo sem as aulas do Sabin+Esportes&Cultura, os alunos não ficaram parados em casa, graças às videoaulas de Educação Física, pensadas para as necessidades de cada faixa etária. Para a Educação Infantil e o Fundamental I, por exemplo, foram propostos exercícios de coordenação motora global (circuitos de corrida montados com objetos domésticos, como cadeiras, almofadas e toalhas) e de praxia fina. Já para o Fundamental II e Médio, explica Fernanda, o foco era promover o condicionamento físico e a qualidade de vida dos alunos.

Quanto às atividades culturais, mesmo antes da Festa Junina o professor Ricardo já vinha mexendo uns pauzinhos. "Eu queria mobilizar o grupo do Teatro, manter viva a ligação com a arte", diz Ricardo, que pediu aos alunos que se filmassem declamando poemas. Postados em junho, os vídeos fizeram sucesso nas redes sociais do Sabin, e logo outros alunos, pais e professores quiseram contribuir para o projeto, batizado de #TeatroEmPoesia.

Para Ricardo, o sucesso do projeto e da Festa Junina reforça sua ideia da arte como refúgio e vínculo. Tese compartilhada pela professora de Produção de Texto e assessora de Língua Portuguesa Camile Tesche. "O papel da arte não é dar respostas, é fazer contato", diz ela, para quem a literatura, como as demais manifestações artísticas, nos ajuda a lembrar que outras culturas, de outros tempos e lugares, ainda assim fazem parte de uma mesma comunidade de Homo sapiens. "Esse potencial de conexão é necessário nesse momento de isolamento, para que não nos dessensibilizemos". Ou, como diria Nietzsche, lembrado pela assessora de Arte do Sabin, Roberta Moretti, "a arte existe para que a realidade não nos destrua".

"O papel da arte não é dar respostas, é fazer contato".

E é para seguir cumprindo essa função que o Sabin+Esportes&Cultura volta oficialmente no segundo semestre letivo – conectando pessoas, ainda que remotamente.

# A escola em casa

## Pesquisa revela a opinião dos alunos sobre os primeiros meses de ensino remoto.

Cansativo? Diferente? Legal? Passados os primeiros meses, como alunos do Sabin avaliaram o sistema de ensino remoto emergencial que o Colégio implementou para dar conta da nova realidade imposta pela pandemia da COVID-19? Nesta edição, coletamos a opinião de alunos do 5º ano do Fundamental à 3ª série do Médio e convidamos, para comentar os resultados, a coordenadora do Ensino Médio, Áurea Bazzi, e a bióloga, pedagoga, mestre em Educação e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano Lilian Bacich.

Dados obtidos em 915 questionários respondidos anonimamente, entre os dias 8 e 26 de junho, representativos de 42% dos alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e 91% do Ensino Médio do Sabin.

### Contando com você, quantas pessoas vivem na sua casa?

### Para assistir às aulas e estudar, você usa computador exclusivo ou compartilhado com a família?

# DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

## Fundamental (5º a 9º ano)

### TOP 10 PALAVRAS
(nº menções)

| | |
|---|---|
| Diferente | 124 |
| Legal | 103 |
| Cansativo | 66 |
| Chato | 43 |
| Difícil | 41 |
| Interessante | 38 |
| Divertido | 36 |
| Novo | 35 |
| Estranho | 31 |
| Bom | 28 |

## Ens. Médio (1ª a 3ª série)

### TOP 10 PALAVRAS
(nº menções)

| | |
|---|---|
| Cansativo | 95 |
| Difícil | 65 |
| Diferente | 62 |
| Estressante | 43 |
| Desafiador | 38 |
| Exaustivo | 27 |
| Complicado | 24 |
| Autonomia | 22 |
| Responsabilidade | 21 |
| Desgastante | 19 |

**Lilian Bacich:** "Chama atenção quantos alunos do Médio descreveram a experiência como 'cansativa', 'difícil' ou 'estressante'. Esse é um ponto de atenção que o Sabin deve trabalhar, diversificando as experiências oferecidas no segundo semestre em relação às do primeiro – talvez reduzindo a duração das videoaulas ou promovendo mais interação. Por outro lado, a pesquisa foi feita no fim do semestre: ela pode refletir um cansaço natural que todo mundo já estava sentindo."

**Áurea Bazzi:** "Acho que a garotada do Médio já tem um pouco mais de experiência com a tecnologia, ao passo que, para os mais novos, ainda tem esse lado da novidade que os faz achar mais 'legal' e 'interessante'. Além disso, penso que o Ensino Médio já é, naturalmente, mais pesado que o Fundamental. Em parte, o 'cansativo' se deve menos à tecnologia e mais às demandas naturais do ciclo."

# Como têm sido seu ambiente e rotina de estudos na quarentena?

**Lilian Bacich:** "Apenas 35% dos alunos do Médio têm uma rotina regular – quem responde 'mais ou menos' é porque não tem. E, se eles estão fazendo mais atividades e dedicando mais horas à escola, como indicaram em outra questão, uma rotina mais regrada pode ajudar. Criar uma rotina ajuda a lidar com situações de crise, como a que estamos vivendo. Num grupo de WhatsApp da escola da minha filha, uma mãe pediu que a filha dela tivesse mais aulas síncronas, para forçá-la a ter uma rotina. Mas a rotina vem de casa, essa conscientização envolve a família! A família pode ajudar o aluno a desenvolver essa organização autônoma, que, principalmente para quem é do Médio, vai ser muito importante mesmo depois da escola, na faculdade."

**Áurea Bazzi:** "Se a maioria não tivesse acesso aos materiais necessários, nem um lugar sossegado para estudar em casa, teríamos um problema. Quanto à falta de uma rotina regular, isso depende muito deles. Demanda responsabilidade, abrir mão de prazeres imediatos – como ficar no celular –, sentar e estudar."

## ESFORÇO E RENDIMENTO NA QUARENTENA

**Lilian Bacich:** "Outro ponto de atenção é a sensação de menor rendimento do aprendizado, muito grande entre alunos do Médio. Especialmente em escolas com uma cultura focada em resultados e no vestibular, o aluno sente a necessidade de ser constantemente cobrado, de receber o aval do professor por meio das provas. E, no ensino remoto, o jeito de cobrar é outro. O aluno não está acostumado com provas a distância, com consulta – e isso leva a reflexões éticas que o aluno tem de fazer sobre o papel da avaliação, mas também à necessidade de os professores aprenderem a fazer novos tipos de pergunta. Também é preciso ajudar o aluno a ter clareza do que está aprendendo, desde o início – não só no final do bimestre ou trimestre, quando ele já está cansado. Seria importante garantir formas de autoavaliação mais constantes, em tempos mais curtos."

**Áurea Bazzi:** "A percepção de que eles estão trabalhando mais e aprendendo menos é nítida e não podemos ignorá-la, mas vamos analisá-la em partes. A percepção do maior esforço é legítima. Nas aulas tradicionais, o professor é responsável pela exposição oral, por administrar a atenção da turma, por verificar o entendimento de cada aluno. Há uma série de recursos de comunicação verbal e não verbal de que o professor dispõe para tornar a aula mais fluida para o aluno. Já no ensino remoto a responsabilidade do aluno aumenta: ele não tem o professor para chamar sua atenção, é ele quem tem de se disciplinar, manter o foco. O conteúdo expositivo de uma aula tem de ser lido, às vezes em muitos slides. Isso exige mais do aluno mesmo.

Já a percepção de que estão aprendendo menos é outra discussão. Ela pode refletir uma perda real de interação com os colegas, que de fato faz diferença no entendimento do assunto. Ela pode refletir que eles estejam menos focados em casa. Mas também pode refletir um conceito equivocado de aprendizado. Há alunos que podem ter tido menos empenho em estudar porque podiam copiar as respostas dos colegas. Eles pensam que não estão sendo obrigados a 'decorar', mas aprendizado não é apenas o que se decora. Se nós elaborarmos provas com questões melhores e se o aluno consultar apenas os registros do próprio estudo, ele vai ter uma medida mais precisa do que aprendeu de verdade – e isso vai ser importante para ele.

Dito isso, também é importante frisar que ainda vamos fazer avaliações diagnósticas presenciais para quantificar melhor toda essa experiência. O que podemos afirmar, com certeza, é que o ensino remoto é tão promissor como o presencial, se a oferta for qualificada e se o aluno corresponder a ela com responsabilidade e autonomia.

Os textos são de responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião do Colégio Albert Sabin.

Desenho feito por **Giovanna Flores**, 2ª série D, inspirado no tema "O mundo pós-pandemia".

# A subversão do coletivo na pandemia

Sob o pretexto da liberdade individual, a população rompeu o isolamento e contribuiu para o aumento das taxas de contágio.

Texto por **Laura Herrera**, 3ª série B.

**O ano de 2020 começou assinalado pelo desequilíbrio.** Iniciados em setembro de 2019, incêndios devastadores na Austrália mataram cerca de 500 milhões de animais; em janeiro, um ataque estadunidense assassinou um general iraniano e reacendeu conflitos, criando rumores de uma Terceira Guerra Mundial; em maio, a morte de George Floyd, nos Estados Unidos, e a do menino João Pedro, no Brasil, estamparam milhares de cartazes na onda global de protestos antirracistas. Não obstante essas notícias, é inegável que a pandemia da COVID-19 ocupa o eixo central das atenções: em 31 de dezembro de 2019, a China informou a Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o vírus que, em apenas sete meses, vitimou mais de meio milhão de pessoas.

O combate ao Sars-CoV-2 foi extremamente dissonante ao redor do planeta. Alguns governos adotaram medidas estritas de isolamento social, ao passo que outros foram incapazes de impor providências a fim de se precaver da progressão viral. É incon-

testável que o Brasil faz parte desse segundo caso: a gestão negacionista e o movimento anticientífico foram alguns dos fatores que contribuíram para percentuais tão elevados de contaminação.

Uma causa adicional, porém, desempenhou papel notável na disseminação da enfermidade pelo País: o individualismo. Enraizadas na cultura brasileira, a crença na superioridade do indivíduo sobre a comunidade e a oposição a doutrinas que dão ênfase a questões sociais desenrolam-se na máxima de que o corpo comum não passa de um conjunto de pessoas praticamente autossuficientes. Por consequência, a afirmação radical da existência de uma subjetividade individual enfraquece os elos coletivos que alicerçam a vida em sociedade.

A valorização do indivíduo em detrimento do coletivo e a subsequente cultura da indiferença produzem a ilusão de uma zona isenta, na qual o principal valor é a anestesia moral: todo ato em prol do indivíduo é válido, sustentado nos princípios da liberdade. Consequentemente, sob o pretexto da integralidade do direito à liberdade individual, uma parte significativa da população brasileira rompeu o isolamento e contribuiu – direta ou indiretamente – para um aumento das taxas de contágio, o que, diante da atual conjuntura dos macroprocessos históricos, caracteriza-se como uma irresponsabilidade social.

A conivência do indivíduo perante as circunstâncias de negligência que permeiam a sociedade contribui não somente para movimentos como o que levou à ineficácia do controle do novo coronavírus no Brasil, mas também para a perpetuação de estruturas históricas de racismo, sexismo, LGBTfobia, especismo e outros aparatos simbólicos de invalidação da existência do Outro, que se manifestam no mundo contemporâneo. O individualismo é, por conseguinte, anti-humano em seu âmago.

Portanto, a pandemia revelou à humanidade que seu maior inimigo não é o vírus, mas sua própria ignorância. O mundo pós-COVID-19 pleiteia com ur-

gência a desconstrução dos valores individualistas que culminam em crises, sejam elas políticas, sejam sociais, sejam ambientais. Por fim, espera-se que, nos meandros dos imprescindíveis avanços científicos do século XXI, o Homem deixe de se valer de métodos escusos e autocentrados e passe a enfrentar seus desafios com responsabilidade, erudição e, sobretudo, compaixão para com seu semelhante.

# Um suspiro em meio à pandemia

Enquanto os infectados pela COVID-19 lidam com a falta de ar, o planeta finalmente respira.

Texto por
**Vivian S. A. de Souza,**
2ª série D.

**A pandemia da COVID-19 está fazendo um bem à saúde do planeta e promete mudar o pensamento da sociedade em relação ao futuro do meio ambiente.** Por um lado, é fato que a eclosão do vírus promoveu quatro graves crises – sanitária, econômica, política e ambiental –, além de intensificar as desigualdades sociais no mundo, o que exigiu a tomada de inúmeras medidas emergenciais para minimizar seus efeitos. Por outro lado, daqui em diante, nossas atitudes são cruciais para um futuro próspero.

Em primeiro lugar, o decreto de quarentena em diversas partes do mundo resultou em um declínio substancial no consumo de combustíveis fósseis, visto que as viagens aéreas, a atividade industrial e o tráfego de automóveis, entre outros, foram suspensos ou reduzidos. Essa paralisação proporcionou uma queda na taxa de emissão de gás carbônico ($CO_2$), um dos gases responsáveis pela intensificação do efeito estufa e pelo consequente aquecimento global, e na de dióxido de nitrogênio ($NO_2$), composto químico que contribui para a poluição atmosférica e para a chuva ácida. Pela primeira vez em 30 anos, moradores do norte da Índia conseguiram ver o Himalaia, e esse é apenas um exemplo, dos vários percebidos em outros lugares do globo, da atenuação dos poluentes na atmosfera e da me-

lhoria da qualidade do ar, fatores que impactam a saúde da população mundial.

Além disso, o distanciamento social, principal medida de contenção da pandemia tomada pelos países afetados, intensificou uma revolução tecnológica que já estava ocorrendo, visto que as pessoas prosseguiram com sua rotina de estudo e de trabalho, agora de maneira digital. Segundo o professor de Geografia Marcelo Bezerra, licenciado pela Universidade de São Paulo (USP), a emergência sanitária teria acelerado a quarta revolução industrial. Conhecida também como "Indústria 4.0", o termo designa uma economia baseada em redes cibernéticas de alto nível (*high tech*) e no avanço tecnológico vinculado à sustentabilidade.

Com o surto do novo coronavírus, a transição para a chamada economia global de baixo carbono, amparada nos compromissos do Acordo de Paris, está em curso. Entre os objetivos do tratado, assinado por quase 200 países em 2015 estão: o desenvolvimento com menor impacto sobre os recursos naturais, o investimento em energias renováveis e a promoção de uma agricultura sustentável. A reconstrução econômica global pós-pandemia deve contemplar esses aspectos, de modo a colocar o meio ambiente no centro do planejamento. De acordo com o empresário Pedro Passos, presidente da ONG preservacionista SOS Mata Atlântica, "a pandemia nos alerta para sermos mais cuidadosos, menos arrogantes com a natureza".

O primeiro passo para a mudança de que o mundo necessita já foi dado indiretamente pela pandemia. Não obstante, depois dela e em diante, a responsabilidade recairá sobre todo e qualquer governo. É de extrema importância que líderes conciliem as dimensões econômica, social e ambiental a fim de garantir um futuro que se fundamenta na preocupação com a saúde da natureza, bem como a dos cidadãos. Essa pode ser uma oportunidade de recomeço, se usada com consciência e com a ciência.

# Aulas solidárias

Projeto da Faber-Castell que oferece recursos *on-line* a professores ganha novo fôlego com ajuda do Sabin.

**Um livro digital que permite à criança em fase de alfabetização ser a própria personagem, com seu nome escrito nas páginas da historinha.** Uma proposta de atividade artística inspirada em quadros de Tarsila do Amaral, com instruções passo a passo para que alunos do 3º ano do Ensino Fundamental criem desenhos abstratos com linhas retas e curvas. Uma aula de Geografia do 8º ano que traz gráficos do IBGE, representativos da pirâmide etária da população brasileira, acompanhados de um questionário para avaliar a capacidade de interpretação de dados dos alunos.

Trata-se de uma plataforma *on-line* pela qual professores do Brasil inteiro compartilham entre si recursos, estratégias e referências pedagógicas.

Esses são alguns exemplos de materiais educativos e roteiros de aula propostos por professores dos colégios do grupo Godoi Educacional – Albert Sabin, AB Sabin e Vital Brazil –, disponíveis para *download* gratuito no *site* do projeto Co-Laborando, da Faber-Castell.

Trata-se de uma plataforma *on-line* pela qual professores do Brasil inteiro compartilham entre si recursos, estratégias e referências pedagógicas, com conteúdos alinhados à Base Nacional Comum Curricular. Criado em 2017, o projeto tornou-se ainda mais pertinente

depois que a pandemia obrigou escolas a recorrer ao ambiente virtual para dar continuidade à formação de seus alunos. O que, dada a enorme desigualdade da educação brasileira, nem todas têm a mesma condição de fazer.

"Temos contato próximo com algumas escolas da rede pública, para as quais costumamos contribuir, por meio de ações sociais, e sabemos da dificuldade que elas estão vivendo. Os professores não têm tantos recursos, experiência ou tempo para produzir todas essas aulas *on-line*", diz Patrícia Martins, assistente de Marketing dos colégios do grupo Godoi Educacional. "Mas nós tínhamos. Tivemos de fazer para nós e pensamos que poderíamos ajudar outras escolas, dando a elas o melhor que temos para dar: nosso conhecimento".

Segundo Patrícia, alguns professores do Sabin já conheciam a plataforma da Faber-Castell e tinham disponibilizado conteúdos lá em anos anteriores, mas a pandemia trouxe a oportunidade de reforçar o vínculo com o projeto por um motivo mais urgente. Assim, respondendo ao estímulo dos gestores, nos últimos meses, as equipes docentes do Sabin, do AB Sabin e do Vital voltaram a alimentar a plataforma com uma nova leva de aulas (que podem ser buscadas no *site* pela *tag* "Aula Solidária"), para turmas da Educação Infantil ao Ensino Médio.

São apresentações de PowerPoint, documentos de texto ou vídeos com propostas pedagógicas identificadas por etapa da Educação Básica, ano ou série escolar, campo de experiência ou disciplina, componentes curriculares trabalhados e nível de dificuldade. Até o momento, entre os três colégios, já são mais de 200 aulas solidárias postadas, com mais de mil visualizações.

"Além de alimentar a plataforma com conteúdos dos nossos professores, também temos procurado divulgar o projeto Co-Laborando em nossas redes sociais e em reuniões e encontros com educadores de outras escolas", diz Patrícia.